

1 Introdução

Jimmie Durham é um artista de atuação e de reconhecimento internacional. Nascido no estado de Arkansas (EUA) em 1940, foi criado também com a cultura do povo Cherokee. Durham é escultor, *performer*, poeta e ensaísta. Viveu em Nova York, Suíça, México, mudou-se em 1994 definitivamente para a Eurásia. Hoje, vive entre Nápoles e Berlim.

Em suas instalações, desenhos, esculturas, poesias e ensaios, o artista desenvolve críticas contundentes tanto ao processo colonial como às características do pensamento ocidental moderno. Ele conta histórias a partir da perspectiva d's vencid's, propõe outra percepção do *tempoespaço*, problematiza invenções tais como História, escrita e arquitetura. Sua obra é um vasto espelho multifacetado que reflete modos de pensar-sentir, deforma o normal e, ao mesmo tempo, permite vislumbrar outras possibilidades de existência. A escrita é parte fundamental de sua obra. Jimmie Durham escreve ensaios, discursos ativistas, poesias, além de inserir textos em muitas de suas pinturas, esculturas e instalações. Suas palavras fazem parte do conjunto de materiais que o artista coleta e reconfigura, e assim ganham características peculiares. Ele faz da palavra pedra, que constrói, desconstrói, que dura, e também faz da palavra espelho, que captura almas, opera trocas, que seduz, que revela.

Com a obra de Jimmie Durham, a história dos conquistadores é posta em xeque, o modo de viver e de pensar ocidentalizado é desnaturalizado. Ele usa as linguagens dominantes, visual e verbal, e nos provoca a olhar de outras formas para nossos costumes, objetos e palavras. Mais ainda, ele traz a tod's a responsabilidade de agir criativamente e conscientemente na linguagem. Ele nos convoca a descolonizarmos a linguagem, como poetas.

Os conflitos não solucionados permanecem, e podem parecer amortecidos. Durham e sua obra os mantém despertos, ruidosos. Seu trabalho resulta de uma história e de uma cultura em confronto com a história e cultura dominante, sem contudo negá-la. Durham opera sua luta por dentro da linguagem do dominador, tanto nas línguas europeias como na arte. Como um “órfão sem lar”, ele transita através das fronteiras geográficas e cosmológicas, habitando diferentes mundos ao

mesmo tempo. Seu trabalho possibilita enxergar múltiplos mundos de visão¹, o que resulta em visões e sensações mais abrangentes do meu próprio mundo. Daí a ideia de estabelecer este diálogo com a obra de Durham.

No primeiro capítulo, percorro algumas das principais ideias de sua poética acerca de identidade, história, geografia, linguagem e arte. O segundo capítulo é dedicado às ações de Jimmie Durham no Brasil ou em relação ao Brasil. O terceiro capítulo conta com a tradução de uma conversa exclusiva que tive com o artista à distância. As considerações ao final completam a volta na espiral e retornam ao assunto de identidade. Além de uma reflexão acerca de todas as ideias percorridas, elas trazem um relato sobre recente polêmica envolvendo o artista.

Procurei ainda adotar algumas características da linguagem do interlocutor. Por exemplo, incluí algumas interrupções e digressões, frequentes nos ensaios do artista e, assim como ele, sublinho algumas palavras para dar-lhes ênfase. Durham convoca tod's escritor's a transformarem a linguagem. Por isso, ponho aqui em prática alguns experimentos para descolonizar e despatriarcalizar a língua luso-brasileira. Emprego o termo *tempoespaço* como um só conceito, *abolo*² as perguntas em uma entrevista, e opto pelo uso de apóstrofes ao invés definir o gênero masculino para adjetivos coletivos onde há femininos e masculinos no conjunto. Para não masculinizar nem feminilizar um conjunto heterogêneo, opto nesta dissertação por um formato não-binário, mas que também não carregue a negação intrínseca na visualidade da letra X, utilizada por alguns grupos (como em *amigxs*). Nesta dissertação, faço uso de apóstrofes em substituição às vogais que definem o gênero. Quando não é possível, passo o coletivo substantivo heterogêneo para o feminino.

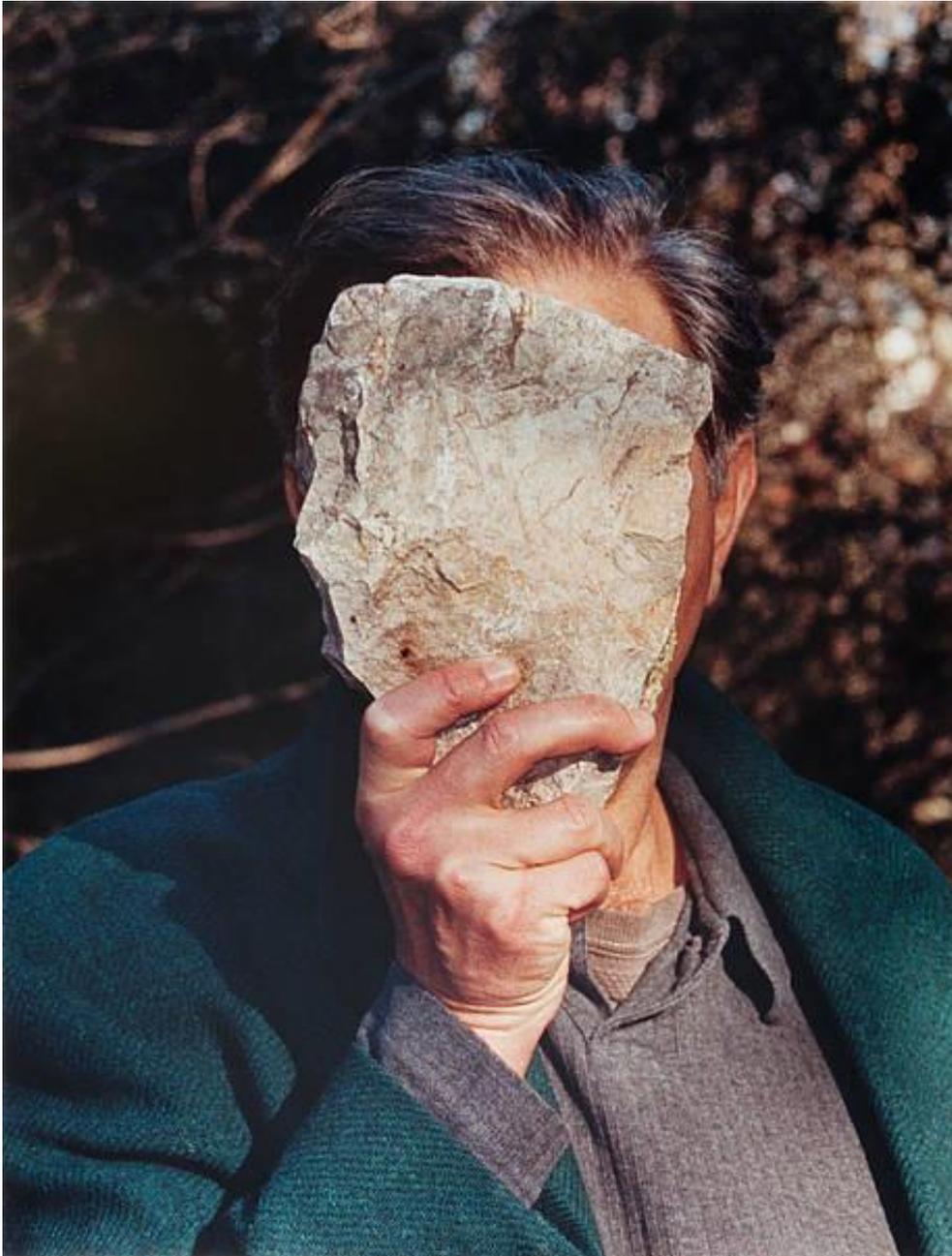
Para esta pesquisa, contei com a experiência de ter visitado as duas exposições que o artista realizou no Brasil em 2010, na extinta Galeria Progetti, RJ, e na 29ª Bienal de São Paulo, e também com a leitura de um conjunto de livros seus que consegui reunir em visitas a outros países. Nenhuma de suas

¹ Tomo emprestada essa expressão do perspectivismo do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Prefiro pensar na coexistência de diversos mundos de visões diferentes ao invés de diferentes visões de um só mundo, já que o conceito de universalidade faz parte do pensamento ocidental moderno.

² Não existe essa conjugação do verbo “abolir”. Não existe a possibilidade de conjugar em primeira pessoa do presente do indicativo. Abolição é sempre algo que outra pessoa faz, se no presente, sendo só possível para a primeira pessoa em outros tempos verbais.

publicações estava disponível no país na época desta pesquisa. O único material já publicado e traduzido para o português que encontrei foi um ensaio no *Caderno Sesc_Videobrasil – Pertença (n.08)*. Nas citações a partir desta tradução, mantive os indicadores de gênero tradicionais, em respeito ao tradutor. Também não alterei textos e falas originais em português. Meu exercício de despatriarcalização se restringe ao meu texto e às minhas traduções, sempre que o original em inglês tenha gênero indefinido.

Espero que esta dissertação também aproxime sua obra ao meio artístico brasileiro, pois o trabalho de Jimmie Durham traz uma contribuição única para o campo da arte, principalmente aquela preocupada com transformações sociais e com políticas de subjetividade. Durham, o habitante de muitos mundos, antecipa e ensaia mundos possíveis com letras e imagens. Vivemos um grave momento na história, de intensa desigualdade social, com capitalismo tardio e predatório e uma expansão global de modelos autoritários de governo. A obra de Jimmie Durham proporciona um bom encontro para quem almeja viver em uma sociedade descolonizada.



Jimmie Durham, *Self-Portrait Pretending to Be a Stone Statue of Myself*, 2006